

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

AS ELEIÇÕES DE 2024 E O FUTURO DA EXTREMA-DIREITA NO BRASIL

Josué Medeiros, Mariana Castro, Rennan Pimentel , Maria Carolina Barreto

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.13264>

Submetido em: 2025-09-09

Postado em: 2025-09-09 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

AS ELEIÇÕES DE 2024 E O FUTURO DA EXTREMA-DIREITA NO BRASIL

JOSUÉ MEDEIROS,

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6421-9170>

<josuedsrj@gmail.com>

UFRJ e PPGCS-UFRRJ. Rio de Janeiro/Seropédica, RJ, Brasil.

MARIANA CASTRO,

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0028-5045>

<marianacastro@iesp.uerj.br >

Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP-UERJ). Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

RENNAN DE MEDEIROS PIMENTEL,

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-8639-0523>

<rennanpimentel@iesp.uerj.br>

Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP-UERJ). Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

MARIA CAROLINA BARRETO,

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-3557-6176>

<mariacarolinabarreto@iesp.uerj.br>

Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP-UERJ). Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

RESUMO: Esta pesquisa investigou as estratégias e discursos da extrema-direita nas eleições de 2024, pleito estratégico para o futuro do bolsonarismo na política brasileira. Nossa análise dividiu-se em 4 eixos: a candidatura de Pablo Marçal (PRTB) em São Paulo, cuja força veio do sentimento antissistema que segue forte no eleitorado brasileiro; as disputas entre a direita tradicional e extrema-direita, na qual a extrema-direita se consolida como principal protagonista da polarização contra Lula e a esquerda; o discurso e programa das candidaturas da extrema-direita em todas as capitais, que revela a existência de um bolsonarismo radical e um bolsonarismo técnico; e o financiamento de oito candidaturas da extrema-direita, mostrando que sua principal base de arrecadação é o financiamento partidário, com exceção de Pablo Marçal. A metodologia da pesquisa foi múltipla, por conta do escopo amplo da investigação: levantamento dos dados do TSE sobre as candidaturas (perfil do candidato, partidos e coligações, programas, finanças); análise das redes sociais dos candidatos e partidos, com visualização diária das postagens; acompanhamento de todos os debates e sabatinas na televisão e no rádio que os candidatos participaram. O resultado eleitoral de 2024 recolocou Bolsonaro no jogo político, após dois anos de defensiva pela derrota em 2022 e pela tentativa de golpe de Estado de 08 de janeiro de 2023. O ex-presidente está inelegível por abuso de poder durante o pleito de 2022 e será também pela participação na tentativa de golpe, mas o fato é que Bolsonaro mostrou muita força política e social nas eleições municipais.

Palavras-chave: extrema-direita; eleições; bolsonarismo; democracia; Brasil

THE 2024 ELECTIONS AND THE FUTURE OF THE FAR-RIGHT IN BRASIL

ABSTRACT: This research investigated the strategies and discourses of the far right in the 2024 elections, a strategic contest for the future of bolsonarismo in Brazilian politics. Our analysis was organized into four axes: the candidacy of Pablo Marçal (PRTB) in São Paulo, whose strength derived from the anti-system sentiment that remains strong among Brazilian voters; the disputes between the traditional right and the far right, in which the latter consolidated itself as the main protagonist of polarization against Lula and the left; the discourse and platforms of far-right candidacies in all state capitals, which reveal the coexistence of both a radical bolsonarismo and a technical bolsonarismo; and the financing of eight far-right candidacies, showing that their main source of resources was party funding, with the exception of Pablo Marçal. The research methodology was multiple, given the broad scope of the investigation: collection of TSE data on candidacies (candidate profiles, parties and coalitions, platforms, finances); analysis of candidates' and parties' social media, with daily monitoring of posts; and systematic follow-up of all debates and interviews on television and radio in which the candidates participated. The 2024 electoral outcome brought Bolsonaro back into the political arena, after two years on the defensive following his 2022 defeat and the attempted *coup d'état* of January 8, 2023. Although the former president is ineligible due to abuse of power during the 2022 elections and will also be for his participation in the coup attempt, the fact remains that Bolsonaro demonstrated significant political and social strength in the municipal elections.

Keywords: far right; 2024 elections; bolsonarismo; democracy; Brazil

INTRODUÇÃO

O presente artigo sistematiza os resultados da pesquisa “As eleições de 2024 e o futuro da extrema-direita no Brasil: atores, discursos e estratégias”, realizada pelo Centro de Análise da Sociedade Brasileira (CASB). O CASB é uma iniciativa das Fundação Perseu Abramo (PT), Fundação Lauro Campos e Marielle Franco (PSOL), Maurício Grabois (PC do B) e Fundação Rosa Luxemburgo (Die Link) com o objetivo de fazer pesquisas em duas linhas: investigar as transformações no mundo do trabalho e entender o desenvolvimento da extrema-direita brasileira.

Monitoramos as estratégias da extrema-direita brasileira em todas as capitais com o entendimento de que as eleições municipais de 2024 eram estratégicas para o futuro do bolsonarismo por serem as primeiras depois que Bolsonaro perdeu as eleições presidenciais, com toda a defensiva que este campo político entrou após a frustrada tentativa de golpe de estado de 08 de janeiro de 2023 e os processos no Supremo Tribunal Federal (STF) contra o ex-presidente. O relatório completo da pesquisa encontra-se em <https://flcmf.org.br>.

Dividimos a pesquisa em 4 eixos: primeiro, uma análise da eleição em São Paulo, principal capital do país, com ênfase na candidatura de Pablo Marçal (PRTB), que se tornou um fenômeno

de âmbito nacional, a partir do sentimento antissistema que segue forte no eleitorado brasileiro; segundo, uma mapeamento das disputas entre a direita tradicional e extrema-direita, na qual, entendemos, a extrema-direita se consolida como principal protagonista da polarização contra Lula e a esquerda; terceiro, analisamos o discurso e o programa das candidaturas da extrema-direita em todas as capitais brasileiras e concluímos que as estratégias eleitorais dividiram esse campo entre um bolsonarismo radical, que não escondeu seus vínculos com Bolsonaro e com seu projeto autoritário e o que chamamos de bolsonarismo técnico, com algumas candidaturas que buscaram esconder o programa raiz da extrema-direita com o objetivo de se afastar da rejeição do ex-presidente; por fim, mas não menos importante, nos debruçamos sobre o financiamento de oito candidaturas da extrema-direita, de modo a entender que setores econômicos estruturam o bolsonarismo depois da perda da presidência da república. Nosso levantamento mostra que o principal eixo de financiamento da extrema-direita brasileira hoje é o financiamento eleitoral e partidário, indicando que este campo está longe da imagem de antissistema que algumas das suas lideranças pregam. A exceção foi Pablo Marçal, em São Paulo.

A metodologia da pesquisa foi múltipla, por conta do escopo amplo da investigação: levantamento dos dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) sobre as candidaturas (perfil do candidato, partidos e coligações, programas, finanças); análise das redes sociais dos candidatos e partidos, com acompanhamento diário das postagens; acompanhamento de todos os debates e sabatinas na televisão e no rádio que os candidatos participaram. Além disso, recebemos o compartilhamento do material coletado pelo Monitoramento Eleitoral de 2024 do Observatório Político e Eleitoral (OPEL), que desde 2020 mobiliza dezenas de pesquisadores de graduação e pós graduação para acompanhar as eleições em todo o Brasil tanto na dimensão dos campos políticos (esquerda lulista; direita tradicional; extrema-direita) quanto temático (candidaturas antirracistas, feministas, dos movimentos sociais, questão ambiental, candidaturas empresariais, bancada da bala, questão evangélica nas eleições, entre outros). O conjunto da pesquisa do OPEL está disponível em <https://www.opelbrasil.com>.

Vale ainda nesta introdução um breve diálogo crítico com o debate teórico sobre a ascensão da extrema-direita no mundo e no Brasil. Há uma via de orientação liberal que sintetiza esse fenômeno político na chave da crise da democracia e que prioriza a dimensão institucional. Autores como Yascha Mounk (2018), David Runciman (2018), Steven Levitsky e Daniel Ziblatt (2019) estão nesse campo. Embora exista uma inegável deterioração das instituições da democracia liberal, esse olhar é insuficiente. Portanto, nossa pesquisa se filia mais às autoras tais como Wendy Brown (2019), Melinda Cooper (2019), Chantal Mouffe (2019) e Nancy Fraser (2019) que enfatizam o

papel do neoliberalismo nas dinâmicas sociais como causa da emergência e fortalecimento das lideranças e movimentos de extrema-direita e fascistas nas Américas e Europa.

No Brasil a emergência do bolsonarismo é um processo mais amplo de reorganização da direita que consolidou-se ao articular conservadorismo moral e neoliberalismo em um movimento de massas (Solano, 2018); potencializado pelo uso estratégico das redes digitais na difusão de desinformação e mobilização afetiva (Cesarino, 2020; 2022); mobilizando diversos personagens e sentimentos, tais como o “patriota”, o “cidadão de bem”, mães contra ideologia de gênero, entre outros, que são unificados pela figura do “mito”, (Kalil, 2018); e, finalmente, encontrando sua força, no suposto caráter “antissistêmico”, que reorganiza a política brasileira em torno de antagonismos permanentes (Lima e Chaloub, 2024).

Finalmente, entendemos que a extrema direita no mundo e no Brasil tem como objetivo reorganizar o aparelho estatal não com base nos direitos universais, mas calcada em uma visão de mundo conservadora e restritiva da cidadania. Nessa nova ordem, a pluralidade social perderia o estatuto de sujeita de direito e segmentos inteiros – classes trabalhadoras, povos indígenas, mulheres, pessoas negras, pessoas LGBTQUIA+, juventudes, ativistas sociais em geral – seriam forçados e reprimidos a se enquadrar no modelo social dominante da meritocracia ultraliberal, do fundamentalismo cristão, do patriarcado e da branquitude.

1. MARÇAL E O IMPULSO ANTISISTEMA DA EXTREMA-DIREITA BRASILEIRA

Marçal foi o principal fenômeno das eleições de 2024, protagonizando as disputas dentro do bolsonarismo e se tornando personagem político nacional. E isso sem estrutura partidária, tempo de televisão e rádio, com uma eficaz estratégia de mobilização digital e da criação de factoides que concentravam a atenção da mídia, adversários e eleitorado nele. Nossa hipótese é que seu principal impulso foi o sentimento antissistema que atinge parcela expressiva do eleitorado brasileiro. Marçal mobilizou também a dimensão do empreendedorismo como empresário de sucesso e a dimensão da teologia da prosperidade, dizendo que prosperou porque é servo de Deus. Essas dimensões, embora importantes, não tiveram tanta centralidade que a performance do “contra tudo e contra todos”, conectando-se com o sentimento antissistema que pauta a política brasileira desde 2013 e que a extrema-direita conseguiu dominar em 2018, quando Bolsonaro foi eleito presidente.

Por um lado, a destruição das políticas sociais lulistas e as reformas neoliberais pioravam os serviços públicos e a vida das pessoas com desemprego, queda da renda, aumento da fome e da pobreza. Por outro, a incessante propaganda antipolítica a partir da Operação Lava-Jato vinculou

exclusivamente essa piora da vida à corrupção dos políticos em geral e da esquerda em particular. Bolsonaro é eleito como outsider para enfrentar “tudo e todos”, sem partido, sem fundo partidário, sem tempo de televisão e rádio, personificando o sentimento antissistema ainda que tenha sido deputado federal por quase 30 anos.

Contudo, na presidência, ele teve que enfrentar as contradições da máquina pública e de uma sociedade extremamente desigual, e a insuficiência de ruas respostas autoritárias minaram sua capacidade de ser o antissistema. Marçal então emerge como uma nova encarnação desse personagem outsider, cuja promessa é resgatar as dimensões mais puras e genuínas da extrema-direita enquanto campo antissistêmico que de fato representa o povo.

Marçal é um coach e influencer digital que vende seu sucesso como homem pobre que prosperou com o próprio trabalho e se tornou um empresário super rico. Nessa pregação, ele mistura elementos de meritocracia tipicamente liberal com referências bíblicas e evangélicas da chamada teologia da prosperidade e componentes de psicologia social baseada em termos como “economia da atenção” e outros dessa seara.

O que o levou a protagonizar as eleições foi sua performance disruptiva nos debates iniciais. Eleições possuem as chamadas regras do jogo, que são respeitadas por todos os oponentes. Marçal subverteu tais regras desde o começo. Mais do que ignorar, ele desrespeitava radicalmente os limites e usava isso como prova de sua autenticidade e coragem, de que era de fato diferente de todos que estavam ali. Diferente do sistema. E mesmo sua biografia empresarial de sucesso passou a se submeter a essa chave antissistêmica.

Marçal desenvolveu uma estratégia baseada em dois eixos do antissistema, um antissistema que é violento, é bolsonarista radical e outro antissistema que é empresarial, eficiente e bem-sucedido, que é humilde e servo; além disso, ele projetava sua liderança em torno de três personas: a vítima, o predestinado e servo; e o empresário de sucesso.

O antissistema radical apostou na agressividade e ataque contra tudo e contra todos. Nessa pegada, entram as fake News, como a acusação de cocaína por Guilherme Boulos, e os apelidos (Nunes bananinha, Chatabata, Dapena, Boules). E também a noção de “consórcio comunista”, enquadrando todos os adversários como de esquerda, sendo ele a verdadeira direita. E, por fim, os confrontos de Marçal contra os jornalistas. Seu objetivo com essa performance era conquistar o bolsonarista, algo entre 15% e 25% do eleitorado paulistano e que estava insatisfeita com a opção de Bolsonaro por Ricardo Nunes.

O antissistema empresarial usou a imagem de sacrifício para servir ao povo e para revolucionar a gestão, detalhando suas propostas com termos em inglês, conceitos que ele mesmo

inventa (Verticalização, Empresarização) e “temas coach” como inteligência emocional e educação financeira. Marçal prometia que sua gestão não teria negociatas, que faria um curso sobre democracia para escolher seus secretários e que filmaria todas as suas reuniões, transformando a transparência em um reality show em tempo real. Seu objetivo aqui era expandir sua base de apoio para além do bolsonarismo, alcançando tanto o eleitorado conservador tipicamente “malufista”, que tendia a apoiar José Luís Datena, quanto o eleitorado tucano moderno, que valoriza a técnica e que pendia para Tabata Amaral.

Marçal não desenvolveu a segunda face, concentrando sua estratégia no antissistema radical. Toda vez que ele tentava moderar, algum confronto o colocava novamente na face do antissistema radical. Por exemplo, no dia 23 de agosto, Marçal abriu a sabatina da rede Record pedindo desculpas pelo seu comportamento agressivo, justificando que era a única forma de ser visto, mas que agora seria calmo e propositiva. Mas no dia seguinte (24 de agosto) suas redes sociais foram cassadas e ele voltou ao ataque contra o sistema.

Para dar substância a essas duas faces de antissistema, Marçal construiu uma narrativa eleitoral na qual ele dividiu a si próprio em três personas distintas: a persona da vítima, atacado sem dó e sem cessar pelo sistema; a persona do predestinado e servo, que está em uma missão e que tem mais a perder do que a ganhar ao entrar na política, mas que mesmo assim está disposto ao sacrifício em nome do povo e de um bem maior; e a persona do empresário bem-sucedido e honesto, que domina as mais modernas formas de gestão do setor privado e vai leva-las para a prefeitura. Essas três personas se encaixam tanto no Marçal antissistema radical contra tudo e contra todos como no Marçal gestor moderno.

A persona de vítima foi a mais usada, pois ele precisava explicar os muitos problemas em sua trajetória (condenação na justiça por fraude; relação do seu partido com o PCC; críticas de que era agressivo; financiamento para cortes nas redes sociais), sempre se dizendo injustiçado e vítima do sistema. O ápice dessa dinâmica foi a cadeirada que levou ao vivo de Datena, após insistir, durante um debate, que o ex-apresentador seria um assediador sexual. Na persona do predestinado e servo, ele dizia estar em uma missão. “Eu nunca fui funcionário público. Eu tô pedindo pra você me dar um emprego. Eu nunca imaginei que um cara que tem um conglomerado multibilionário estava pedindo emprego.” Finalmente, a persona do empresário bem-sucedido e honesto mobilizava sua riqueza: “Eu paguei mais impostos do que todos os nove juntos. Eu gerei mais riqueza que todos eles” e dizia que dia 06/10 o eleitor é “patrão” e nos demais dias tem que ser “cliente”.

A estratégia das duas facetas do antissistema e das três personas se expressava de modo misturado nas sabatinas e debates eleitorais, a depender da dinâmica desses eventos e, de modo mais organizado, em suas redes sociais, arena em que ele domina como ninguém. Marçal usou e abusou do conhecimento do algoritmo na disputa eleitoral.

O padrão das redes de Marçal se manteve estável ao longo da campanha, com 5 tipos de postagens: 1) atividades de campanha, sempre com fotos e vídeos demonstrando muito apoio popular; 2) os cortes contra adversários e jornalista com a linguagem dos memes e da lacração; 3) cortes de sua performance nas sabatinas e debates explicando suas propostas e visão; 4) exaltação das suas qualidades como empresário bem-sucedido e seus feitos, tais como seu preparo físico ou a atuação na África; 5) postagens de disputa dentro do bolsonarismo. Foram inúmeras mensagens contra o pastor Silas Malafaia, que assumiu a linha de frente do combate ao coach; e de diálogo com Bolsonaro e com o governador Tarcísio de Freitas, quando Marçal buscava brigar com eles sem romper, se colocando como quem ajudaria os dois em suas candidaturas futuras. O momento de ápice dessa postura foi sua chegada triunfal no ato de 07 de setembro de 2024, quando ele foi ovacionado pelos bolsonaristas que estavam na Av. Paulista para apoiar Bolsonaro.

Se no começo do pleito o alvo principal de Marçal era o principal candidato da esquerda, Guilherme Boulos, na reta final o foco dos seus ataques se voltou quase que exclusivamente para Nunes, com críticas à gestão e ataques pessoais. Marçal sabia que estava disputando a vaga da direita no 2º turno com ele e sabia também que estava em vantagem, criando uma onda em seu favor a partir Marçal da narrativa antissistema. Dizia com frequência que era o único candidato sem dinheiro público, que foi censurado em suas redes sociais e que foi agredido, que estava sozinho contra o consórcio comunista.

Marçal terminou derrotado por si próprio nesta disputa pelo eleitorado da direita, não cabendo a Nunes nenhuma virtude nesse processo. Em 20 de setembro, ele prometera, durante debate do SBT, que mostraria sua melhor versão. O coach tentou sustentar essa postura. Por exemplo, suas redes sociais substituíram os ataques agressivos contra os adversários por peças de humor. Com isso, ele mantinha sua performance antissistema, porém de modo leve, com paródias que envolviam músicas e programas como “Chaves”.

No debate da Rede Globo, em 03 de outubro, Marçal começou tranquilo, nessa sua “melhor versão”. Ao longo do confronto, saiu do prumo, especialmente nos embates com Boulos, em uma prévia do que seria o 2º turno. O deputado federal deixou o coach sem resposta neste último debate quando o chamou de “lobo em pele de cordeiro”, quando o comparou com uma famosa criminosa e quando mostrou o exame toxicológico, cobrando dele um exame igual ou um

exame psicotécnico. Marçal perdeu o controle e fez o movimento final que o condenaria: movido por uma necessidade irracional de confrontar Boulos, ele postou na noite de sexta-feira, dia 04 de outubro, um falso laudo médico que provaria suas acusações sobre uso de drogas por parte do candidato do PSOL. A farsa foi rapidamente desmontada. Mais importante, ao mentir desta maneira, Marçal desprezou totalmente as regras da política, provocando contra si uma onda de rejeição que atravessou todas as lideranças políticas e que chegou no eleitorado. O coach foi responsável por cortar abruptamente a onda em seu favor, produzindo um movimento de retorno de uma parcela de direita para Nunes. O suficiente para deixá-lo fora do 2º turno.

Em resumo, o antissistema foi derrotado pelo sistema não da maneira que a extrema-direita costuma acusar, como uma conspiração contra o povo. Aconteceu, na verdade, porque o antissistema foi levado a tal extremo que ignorou que as regras do jogo político permanecem vigentes não apenas por imposição da elite política, mas porque são aceitas e legitimadas pela cidadania. As pessoas podem até admirar quando um político ultrapassa certos limites, mas recuam diante de uma ruptura tão radical. Marçal se afundou em suas próprias fake news, seguindo, aliás, o exemplo de Bolsonaro, que perdeu a eleição devido ao negacionismo durante a pandemia, especialmente em relação às vacinas. A derrota do antissistema, contudo, não implica em concluir que a extrema-direita saiu enfraquecida do pleito municipal de 2024. Ao contrário, inclusive, como mostraremos nas próximas seções.

2. A EXTREMA-DIREITA VERSUS A DIREITA TRADICIONAL

Desde que Bolsonaro emergiu como a principal liderança conservadora do Brasil, houve um deslocamento do eixo de poder na direita partidária brasileira. O PSDB, antes o principal protagonista, assim como o PMDB, sempre bem-posicionado nos governos da redemocratização (Singer, 2018), perderam espaço para uma fragmentação partidária na qual a extrema-direita domina algumas agremiações, como foi o PSL em 2018, e agora o PL, mas também o PP, o União Brasil, o Republicanos e o Novo. Essa mudança da correlação de forças fica mais nítida no Congresso Nacional, diante das bancadas expressivas desses partidos da extrema-direita na comparação com os partidos da direita tradicional. Nas eleições municipais, contudo, a visualização desse mapa fica mais complexa, uma vez que o PSD e o MDB, que não são dominados pela extrema-direita, são quem detém mais prefeituras. Isso levou ao diagnóstico de que a “centro-direita” teria sido a grande vencedora das eleições.¹ O problema é que essa suposta vitória não se

¹ Ver, por exemplo, <https://www.congressoemfoco.com.br/noticia/5966/direita-tradicional-foi-a-maior-vencedora-das-eleicoes-avaliam-cientistas-politicos>

traduz em força nacional desde 2018, uma vez que é o bolsonarismo que domina a disputa política com a esquerda.

Essa distância entre o número de prefeituras da direita tradicional e sua força política no plano nacional nos levou a pesquisar as eleições de 2024 em todas as capitais brasileiras a partir da hipótese de disputa entre direita tradicional e extrema-direita pelo predomínio do campo conservador. Essa disputa ocorre por uma divergência estratégica: a direita tradicional adota uma postura pragmática, com foco na gestão pública e alianças locais; já extrema-direita privilegiou uma retórica polarizadora e radical.

Essa disputa levou a três táticas distintas: há o cenário “puro” em que a extrema-direita lança seus candidatos e hegemoniza a disputa, como foi em Fortaleza com André Fernandes (PL), ou em Goiânia, quando duas candidaturas da extrema-direita disputam a prefeitura, uma apoiada pelo governador Ronaldo Caiado e outra pelo ex-presidente Jair Bolsonaro. Mas existem as capitais em que a disputa leva a composições. Em algumas, a direita tradicional se alia com a esquerda contra a extrema-direita. O caso do Rio de Janeiro, com o prefeito Eduardo Paes, é o mais emblemático. Em outras cidades, a direita tradicional se alia com a extrema-direita contra a esquerda. Essa foi a situação em São Paulo, com o prefeito Ricardo Nunes sendo apoiado por Bolsonaro. É precisamente esse exemplo que mostra a força da extrema-direita, uma vez a direita tradicional não teria sido capaz de vencer sozinha. Vamos analisar mais detalhadamente essas situações.

Começando pela direita tradicional, que adotou uma postura pragmática, buscando ampliar sua base eleitoral por meio de alianças amplas e desvinculando-se, em muitos casos, da extrema-direita. O alinhamento ao discurso mais ideológico de Bolsonaro ocorreu onde o incumbente era mal avaliado, como Porto Alegre e São Paulo.

A direita tradicional priorizou pautas específicas para os municípios, evitando temas ideológicos. Os exemplos mais exitosos foram o Igor Normando (MDB) em Belém, Fuad Noman (PSD) em Belo Horizonte, Eduardo Paes (PSD) no Rio de Janeiro e David Almeida (Avante) em Manaus, sempre tendo como o principal adversário a extrema-direita.

Um exemplo emblemático é Eduardo Paes (PSD). Reeleito com mais de 60% dos votos em 1º turno, Paes representa uma estratégia eficaz da direita tradicional em uma aliança com Lula, de quem foi um dos principais cabos eleitorais em 2022. O PSD, aliás, é um caso peculiar entre os partidos da direita tradicional. Além de Paes, o partido tem Rodrigo Pacheco, senador pelo PSD de Minas Gerais e ex-presidente do Senado, e que pode ser o candidato de Lula ao governo de Minas Gerais em 2026. E, simultaneamente, Gilberto Kassab, presidente do partido, mantém uma

forte influência sobre o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, ex-ministro de Bolsonaro, que é apontado como uma possível liderança para a extrema direita na disputa presidencial de 2026.

O MDB, agora com o segundo maior número de prefeituras, está alinhado majoritariamente ao campo progressista, com figuras como Simone Tebet, ministra de Lula, e Helder Barbalho, governador do Pará, que elegeu o prefeito de Belém contra o bolsonarismo. No entanto, o MDB também abriga lideranças apoiadas pelo bolsonarismo, como Sebastião Melo, prefeito de Porto Alegre, e Ricardo Nunes, em São Paulo.

Quanto aos outros partidos da direita, vale mencionar o PSDB, que sofreu uma queda dramática, com uma redução de 48% no número de prefeituras, ficando com apenas 269 municípios, evidenciando sua perda de relevância no cenário político.

Ainda no campo dos partidos da direita tradicional, o União Brasil, o Progressista e o Republicanos são agremiações que majoritariamente se vinculam à extrema-direita contra a esquerda. É do União Brasil que vem outro caso emblemático, o do prefeito de Salvador, Bruno Reis que adotou uma estratégia política distinta de Eduardo Paes, buscando fidelizar e unificar a direita. Reis, que é aliado de ACM Neto, construiu uma ampla frente no campo da direita, integrando 13 partidos, incluindo Republicanos, PP, PL, para evitar a emergência de uma candidatura de extrema-direita que pudesse polarizar a disputa contra Geraldo Júnior (MDB), candidato da direita tradicional apoiado por Lula e pelo governador do estado, Jerônimo Rodrigues (PT). Essa polarização, caso ocorresse, poderia dificultar sua reeleição. Embora tenha contado com o apoio de Bolsonaro, Bruno Reis evitou recorrer à imagem do ex-presidente, priorizando um discurso focado em gestão e resultados administrativos.

O Republicanos, partido com forte vínculo com a Igreja Universal, dobrou sua presença ao crescer 102% em relação às eleições de 2020. Vale destacar que o partido de Tarcísio, ao qual também pertence a senadora Damares Alves, do DF, cresceu nas cinco regiões do país. Já o PP, sob a liderança de Ciro Nogueira, apresentou um crescimento discreto, aumentando seu número de prefeituras de 690 para 747. Assim, o PP mantém sua importância no campo da extrema-direita sem, contudo, almejar protagonismo.

Finalmente, falando da extrema-direita, o PL consolidou um crescimento expressivo. A sigla aumentou sua presença em 50%, conquistando 516 prefeituras, um feito que reforça o avanço da extrema direita no âmbito municipal, ainda que fragmentada entre lideranças regionais. Embora o partido liderado por Jair Bolsonaro não tenha conquistado o maior número de prefeituras, foi o partido que obteve a maior quantidade de votos no pleito, somando 15,7 milhões. Além disso,

elegeu 2 prefeitos em capitais no 1º turno, outros 2 no 2º turno, além de ter disputado e perdido o 2º turno em 7 capitais.

É preciso destacar ainda o crescimento do Novo, que saiu de 1 para 19 prefeituras (+1.800%). Apesar do revés em Belo Horizonte, onde o governador Romeu Zema, foi derrotado ainda no 1º turno, o cenário no interior foi mais favorável, com nove prefeituras. E elegeu ainda prefeitos em Santa Catarina, Paraná São Paulo, Goiás e Mato Grosso. A conquista das prefeituras também reflete uma mudança na estratégia financeira do Novo que, pela primeira vez desde sua fundação, em 2011, decidiu utilizar recursos do fundo eleitoral.

Em suma, a estratégia da extrema-direita nas eleições de 2024 contrastou significativamente com a da direita tradicional. Intensificando um discurso ideológico, centrado principalmente na figura de Jair Bolsonaro, visando um posicionamento claro em direção à eleição de 2026. Apostando na polarização como instrumento político, o segmento buscou manter Bolsonaro como a principal referência simbólica de seu campo, mesmo diante de sua inelegibilidade. Outras lideranças buscaram rodar o país e nacionalizar sua influência, especialmente o deputado federal Nikolas Ferreira e Michelle Bolsonaro, esposa do ex-presidente. Entretanto, essa disposição da extrema-direita em ser ideológica nas disputas das capitais não se deu sem calcular as chances de vitória e a necessidade de se distanciar de Bolsonaro e sua forte rejeição. Nossa pesquisa, ao perceber esse cálculo, avançou para identificar um bolsonarismo ideológico e outro técnico, conforme veremos a seguir.

3. BOLSONARISMO IDEOLÓGICO E BOLSONARISMO TÉCNICO

As eleições municipais de 2024 marcaram um ponto significativo no avanço das candidaturas da extrema-direita, em um cenário de reorganização política e ideológica que se ajusta ao novo contexto político nacional. A novidade foi a consolidação de uma divisão em dois tipos principais de bolsonarismo: o "bolsonarismo ideológico" e o "bolsonarismo técnico". Enquanto o primeiro se caracteriza por um discurso fortemente identitário e conservador, o segundo tende a priorizar a eficiência administrativa e a busca por resultados concretos em áreas como infraestrutura e segurança. Embora apresentem diferenças notáveis em suas abordagens e retóricas, essas duas vertentes do bolsonarismo convergem em temas centrais que definem e conectam o movimento como um todo. É por conta dessa convergência que as candidaturas do bolsonarismo técnico seguem se diferenciando das candidaturas da direita tradicional, cujo estratégia de pragmatismo e foco na questão local e na gestão foi analisada na seção anterior. Essa estratégia do

bolsonarismo técnico, aliás, já havia sido testada com sucesso em 2022, na candidatura vitoriosa de Tarcísio de Freitas ao governo de São Paulo, e agora foi nacionalizada.

O bolsonarismo ideológico caracteriza-se por um apelo intenso a valores tradicionais e nacionalistas, como pátria, religião e família, que servem de pilares para um discurso cultural conservador. Esse grupo de candidatos utiliza referências explícitas a Jair Bolsonaro e incorpora símbolos da extrema-direita para fortalecer seu vínculo com o eleitorado conservador. Trata-se de uma estratégia que busca mobilizar a base em torno da ideia de uma “guerra cultural” em curso, onde o “bem” e a “ordem” devem ser defendidos contra as ameaças representadas por pautas progressistas tais como os direitos LGBTQIA+, o feminismo e as políticas de diversidade e inclusão, além de uma difusa e genérica e sempre presente “ameaça comunista”. Nesse sentido, o bolsonarismo ideológico promove uma retórica polarizadora, frequentemente caracterizada por discursos de confronto e negação de determinados avanços sociais, visando consolidar uma identidade coletiva baseada na rejeição a mudanças nas normas culturais.

O bolsonarismo ideológico explora uma narrativa de ameaça que legitima políticas autoritárias e medidas de segurança pública rigorosas. Esse discurso ressoa com movimentos de extrema-direita em outros países, que também enfatizam a importância de proteger as fronteiras nacionais e preservar os valores “tradicionais” frente à diversidade cultural e à globalização. Assim, o bolsonarismo ideológico não apenas se alinha com tendências globais, mas adapta esse discurso a um contexto brasileiro, no qual os valores familiares e religiosos são amplamente reverenciados.

As candidaturas do bolsonarismo ideológico foram Rodrigo Amorim (RJ), Adriane Lopes (Campo Grande), Bruno Engler (BH), Alexandre Ramagem (RJ), Capitão Assunção (Vitória), Abílio Brunini (Cuiabá), Fred Rodrigues (Goiânia), Sandro Mabel (Goiânia), Delegado Éder Mauro (Belém), Capitão Alberto Neto (Manaus), Mariana Carvalho (Porto Velho), Tião Bocalom (Rio Branco), André Fernandes (Fortaleza), Marcelo Queiroga (João Pessoa), Gilson Machado (Recife) e Dr. Yglésio (São Luís). Todos utilizaram discursos ideológicos alinhados ao conservadorismo cultural e ao combate às pautas de esquerda.

Em contraste, o “bolsonarismo técnico” é marcado por uma abordagem pragmática com ênfase em gestão e eficiência administrativa. Embora também compartilhe de valores conservadores, que aparece sobretudo no punitivismo na segurança pública, evita discursos moralistas e prioriza conceitos como eficiência, desburocratização, parcerias com o setor privado. Trata-se de uma visão tecnocrática de governança, defensora dos métodos empresariais de gestão, da redução do tamanho do Estado e do incentivo ao empreendedorismo. O discurso do bolsonarismo técnico procura se distanciar da direita tradicional, reforçando a imagem de uma

gestão “moderna” e “livre de corrupção,” que atende às necessidades da população de maneira direta e eficaz e dialoga com o sentimento antissistema. O liberalismo econômico é central e se expressa em propostas como privatizações e parcerias público-privadas (PPPs). Apesar de menos voltado para questões morais, o bolsonarismo técnico ainda compartilha a rejeição a mudanças estruturais que possam ampliar a intervenção estatal em áreas sensíveis, como saúde e educação.

Entre os principais representantes do bolsonarismo técnico, estão Ricardo Nunes (São Paulo), Mauro Tramonte (Belo Horizonte), Carlos Vianna (Belo Horizonte), Lorenzo Pazolini (Vitória), Eduardo Pimentel (Curitiba), Sebastião Melo (Porto Alegre), Topázio Neto (Florianópolis), Arthur Henrique (Boa Vista), Dr. Furlan (Macapá), Janad Valcari (Palmas), Emília Corrêa (Aracaju), JHC (Maceió) e Silvio Mendes (Teresina).

Ainda que apresentem estilos distintos, ambos compartilham pontos centrais que os tornam parte de uma mesma estrutura política, movida por valores conservadores e de oposição das às instituições e princípios da democracia liberal. Apesar das diferenças de abordagem, ambas as vertentes se unem na defesa de políticas de segurança pública rígidas, no combate à corrupção como bandeira de moralidade pública e na crítica incisiva às instituições democráticas. Esses pontos centrais comuns sugerem que, embora diversificado em sua estratégia, o bolsonarismo permanece coeso, reproduzindo, sob distintas formas, uma visão política que desafia os alicerces da democracia representativa e fomenta um ambiente de polarização na sociedade brasileira.

Uma característica marcante em ambas as vertentes do bolsonarismo nas eleições de 2024 é a defesa da transformação da Guarda Municipal em uma força de policiamento ostensivo, armada e com atribuições similares às da Polícia Militar. Essa proposta reflete a crença de que uma segurança pública mais rígida e militarizada é essencial para conter a criminalidade urbana. Trata-se de uma resposta direta ao aumento da violência nas grandes cidades, mas também é uma estratégia política que capitaliza sobre o medo e a sensação de insegurança. Esse tema tem forte apelo popular e se alinha com a tendência da extrema-direita mundial de promover políticas de segurança rigorosas e de expandir a presença do aparato repressivo do Estado.

O liberalismo econômico é um dos pilares que une o bolsonarismo ideológico e o técnico. Nas campanhas de 2024, os candidatos destacaram a necessidade de uma economia menos regulada, defendendo a privatização de serviços públicos, a desburocratização e a promoção de parcerias público-privadas. Esses temas são apresentados como soluções para melhorar a qualidade dos serviços e estimular o desenvolvimento econômico, com a premissa de que a iniciativa privada é mais eficaz que o Estado na administração de recursos.

O combate à “velha política” unifica os dois bolsonarismos e constrói uma imagem de renovação e ruptura com o “sistema”. A retórica antissistema é comum a movimentos de extrema-direita ao redor do mundo, que frequentemente se posicionam como outsiders, mesmo que possuam membros de longa trajetória política. Esse discurso permite que os candidatos se apresentem como “novos” ou “diferentes,” reforçando o combate à corrupção e à ineficiência administrativa. Trata-se de um papel estratégico: ao se colocarem como representantes de uma nova ordem, esses candidatos conseguem deslegitimar a oposição e atrair eleitores desiludidos com a direita tradicional. A ironia, porém, é que muitos desses candidatos são figuras estabelecidas na política brasileira. Assim, o bolsonarismo perpetua um ciclo de desconfiança nas instituições, alimentando o ceticismo popular e enfraquecendo os alicerces da democracia.

A derrota de candidatos ideológicos em algumas capitais não enfraqueceu o movimento, que encontra renovação na figura do "bolsonarismo técnico." Esse modelo mais pragmático se destacou, alcançando vitórias ao promover uma imagem de profissionalismo e foco em resultados, mas sem deixar de lado a retórica conservadora. A presença simbólica de Bolsonaro, embora não diretamente nas urnas, reforçou o apelo do PL como principal legenda da extrema-direita e a mais votada do país, mantendo o ex-presidente como uma força de coesão e mobilização.

Esse cenário demonstra a capacidade do bolsonarismo de se reinventar e de explorar diversas frentes, seja pela ideologia, seja pelo pragmatismo. Temas como segurança, combate à corrupção e a defesa de valores conservadores permanecem no centro do debate. Por fim, é interessante ressaltar como ambos os bolsonarismos reforçaram e buscaram ressignificar o vínculo com o sentimento antissistema, a despeito da relação estrutural com os partidos, como veremos na última seção, sobre o financiamento das candidaturas da extrema-direita.

4. O FINANCIAMENTO DA EXTREMA-DIREITA

As análises sobre a forma que o dinheiro circula na política não são escassas, sendo o financiamento de campanha em períodos eleitorais uma das principais variáveis para se entender a causalidade de como o poder econômico impacta no sucesso eleitoral para todos os campos políticos, incluindo obviamente a extrema-direita.

Em 2018, as regras de doações mudaram, com a proibição do financiamento empresarial de campanha. A nova legislação criou um financiamento público de campanha e, ao mesmo tempo, permitiu doações privadas por meio do CPF ou CNPJ de pessoas físicas. Nas eleições desse ano, o PSL, que não era expressivo antes da eleição Bolsonaro, sem, portanto, acesso ao fundo partidário e eleitoral. Ainda assim, o partido conseguiu conquistar a segunda maior bancada na

Câmara dos Deputados. Naquele pleito, suas principais doações foram registadas em nomes de empresários reconhecidos no ambiente nacional em vez de aportes vindos das suas empresas².

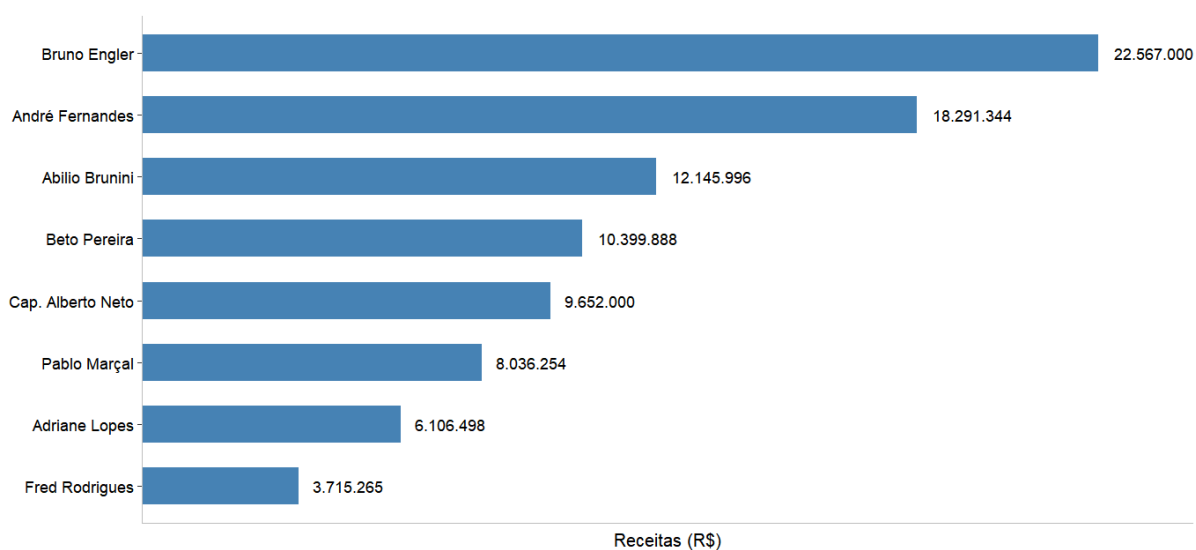
Essa relação entre setores do empresariado e a extrema-direita liderada por Bolsonaro se dá pelo interesse econômico, visando o aumento do lucro dos seus negócios a partir da segurança estatal, e pelo viés ideológico, visto que o PSL acabou se tornando nas eleições de 2018 um conglomerado de candidaturas extremistas de direitas e conservadoras. No mesmo sentido, a partir da análise do financiamento de candidaturas da extrema-direita em 2024 é possível identificar quais setores do empresariado seguem financiando esse campo político mesmo após a tentativa de golpe de 08 de janeiro e todas as acusações que pesam contra Bolsonaro?

Para desenvolver esse questionamento, foi realizado uma análise nos dados abertos do TSE relativas às receitas para criar amostragens dos recursos financeiros das campanhas dos seguintes candidatos à prefeitura nas eleições de 2024: 1) Abilio Brunini (PL), 2) Adriane Lopes (PP), 3) André Fernandes (PL), 4) Beto Pereira (PSDB), 5) Bruno Engler (PL), 6) Capitão Alberto Neto (PL), 7) Fred Rodrigues (PL) e 8) Pablo Marçal (PRTB). A análise dos dados engloba o 1º e o 2º turno das eleições municipais.

A escolha dessas candidaturas deve-se a características em comum entre quase todos, tais como o apoio do ex-presidente Jair Bolsonaro ao longo da corrida eleitoral (com exceção de Marçal). Ademais, todos, incluindo o ex-coah, foram os principais porta-vozes do extremismo de direita e do conservadorismo em suas capitais.

A **Gráfico 1** a seguir apresenta o total de recursos arrecadados por cada candidato analisado, permitindo uma visão geral do financiamento de suas campanhas. O gráfico ilustra o valor total das receitas arrecadadas pelos principais candidatos de perfil conservador e de extrema-direita que desempenharam um papel significativo nas eleições municipais de 2024. Os dados revelam uma disparidade acentuada nos montantes arrecadados, refletindo diferenças em estratégias de captação de recursos, influência política e capacidade de mobilização financeira

² Fonte: BORTONE, Elaine de Almeida. Frações do empresariado em campanha pró-Bolsonaro (2018). Revista Debates, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 60-83, jan./abr. 2020.

Gráfico 1 – Valor total de receitas dos candidatos

Fonte: Elaborado pelos autores com os dados do TSE (2024).

Bruno Engler (PL), candidato em Belo Horizonte, destaca-se com maior arrecadação, com um valor superior aos demais casos pesquisados. Outro candidato com expressivo apoio financeiro foi André Fernandes, em Fortaleza. Ambos chegaram ao 2º turno e quase venceram as eleições. O terceiro mais financiado, Abilio Brunini, foi eleito prefeito de Cuiabá. Da nossa amostra, apenas ele e Adriane Lopes venceram as eleições.

A **Tabela 1**, por sua vez, mostra que os principais doadores de quase todos os candidatos, novamente com a única exceção de Marçal, foram os partidos políticos. A tabela expressa o total de receitas que os partidos entregaram para os candidatos e o percentual que esse valor corresponde ao total.

Tabela 1 - Valor total do financiamento partidário dos candidatos

Candidato	Valor recebido	Principal doador	% correspondente ao total recebido
Abilio Brunini	R\$ 10.099.512,00	Partido Liberal (PL)	83,17%
Adriane Lopes	R\$ 5.339.998,00	Partido Liberal (PL)	87,45%
André Fernandes	R\$ 17.238.900,00	Partido Liberal (PL)	94,24%
Beto Pereira	R\$ 3.271.388 e 7.000.000,00	Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e Partido Liberal (PL)	98,76%
Bruno Engler	R\$ 21.000.000,00	Partido Liberal (PL)	93,06%
Cap. Alberto Neto	R\$ 9.150.000,00	Partido Liberal (PL)	94,79%
Fred Rodrigues	R\$ 3.572.000,00	Partido Liberal (PL)	96,15%
Pablo Marçal	R\$ 310.000,00	Marcelo Tostes de Castro Maia (advogado)	3,9%

Fonte: Elaborado pelos autores com os dados do TSE (2024).

Tal vínculo entre as candidaturas da extrema-direita e seus partidos políticos no tema do financiamento nos permite afirmar com segurança que este campo está totalmente enraizado no sistema partidário brasileiro, o que é uma novidade tendo em vista o momento de emergência desse campo com a candidatura de Bolsonaro em 2018 e o período do seu governo, quando o então presidente ficou alguns anos sem partido. Essa conclusão permite, inclusive explorar uma certa fragilidade do discurso antissistema que o bolsonarismo ainda propaga e alimenta.

Obviamente, a primazia do financiamento partidário não implica em concluir que a extrema-direita não tem vínculos com alguns setores econômicos e as doações individuais nos permitem visualizar alguns deles. Mineração, agronegócio, sistema financeiro e mercado imobiliário foram os setores que mais entregaram doações privadas para as candidaturas da extrema-direita selecionadas em nossa pesquisa.

Durante a campanha, Engler foi alvo de reportagens da mídia local de Belo Horizonte, que apontaram que uma parte substancial de suas receitas foi financiada por mineradoras. Essa dinâmica é similar ao ocorrido com Romeu Zema (Novo) nas eleições de 2018 e 2022, que foi

beneficiado pelo mesmo setor e, após eleito, facilitou licenciamentos ambientais favoráveis às mineradoras. Essas práticas contribuem para a emergência climática no estado, o que pode explicar o motivo pelo qual o candidato ao longo da campanha não adotou uma postura de comentar sobre os perigos climáticos que a cidade enfrenta. A maior doação individual recebida por ele veio do Edward Munson Mason II, diretor da DCML, uma holding especializada em equipamentos para mineração e agronegócio, aparece como o maior contribuinte, com uma doação de R\$ 334.000,00. Seu segundo maior doador foi Ricardo Annes Guimarães, com R\$ 333.000,00, presidente do Conselho Deliberativo do Atlético Mineiro e atua no setor bancário e de infraestrutura. Sua participação sugere o apoio de figuras relevantes da elite econômica de Minas Gerais. Além dele, Argeu De Lima Geo, com uma doação de R\$ 300.000,00 é sócio-administrador da AGEO Agropecuária, empresa ligada à mineração e infraestrutura.

Já nas doações de André Fernandes observa-se um interessante entrelaçamento familiar envolvendo irmãos. Gerardo Rodrigues Bezerra e seu irmão Prisco Rodrigues Bezerra doaram cada um R\$ 250.000,00. Ambos são irmãos de Roberto Cláudio (PDT), ex-prefeito de Fortaleza, ligado a Ciro Gomes, ambos rompidos com a esquerda e cada vez mais próximos da extrema-direita. Eles são sócios de um grupo diversificado de empreendimentos, principalmente no setor educacional (com empresas como Stamp Serviços Educacionais, Edutec Serviços Educacionais e Meta Serviços Educacionais) e imobiliário (são sócios da Terra do Sol Empreendimentos Imobiliários).

Abilio Brunini teve doações diretamente ligadas ao agronegócio: o principal doador foi Odílio Balbinotti Filho, com R\$ 400.000,00, conhecido como o "rei das sementes" por sua atuação no agronegócio como presidente do Grupo Atto, é um empresário assumidamente bolsonarista. O casal Carolina Mognon Scheffer e seu marido, Elizeu Zulmar Maggi Scheffer, doaram R\$ 300.000,00 cada. Ambos são empresários do setor da soja e parentes de Blairo Maggi, tradicional político do Mato Grosso.

Adriane Lopes também tem suas principais doações vinculadas ao agronegócio, com Almir Dalpasquale, presidente da Aprosoja Brasil, doando R\$ 550.000.

Beto Pereira (PSDB) tem um outro padrão de doação, com 29 pessoas doando apenas R\$ 3.500. Embora a quantia individual seja relativamente baixa, a soma totaliza R\$ 98.000,00, cinco vezes mais que o valor da maior doação, R\$ 20.000,00, feita Kadiueu Luiz Fernandes De Mattos, e sócio-administrativo da empresa Motomix Distribuidora de Peças, ligada ao setor de construção civil.

A principal doação (R\$ 150.000,00) para o Capitão Alberto Neto veio de sua candidata a vice-prefeita, Maria do Carmo Seffair Lins de Albuquerque, filiada ao NOVO., Maria do Carmo, empresária do setor imobiliário e uma das fundadoras da Faculdade Metropolitana de Manaus (Fametro), foi indicada diretamente pelo ex-presidente Jair Bolsonaro para compor a chapa. Com um patrimônio declarado de R\$ 90.216.572,93, ela era a candidata mais rica da região Norte.

Já Fred Rodrigues (PL) é mais a estar fortemente vinculado com o agronegócio, recebendo uma doação de R\$ 50.000 de Agnaldo Sousa Resende, sócio empresário das empresas Ouro Branco Agronegócio Ltda e Ouro Verde Agronegócio Ltda e de Rondinelli José Ferreira Silva, sócio administrador da Aspen Engenharia.

Finalmente, Pablo Marçal que, sem acesso ao financiamento público de campanha, optou por um modelo de arrecadação baseado em pequenas contribuições via Pix, principalmente de apoiadores mobilizados em suas plataformas digitais. Ele conseguiu mais 1.000 registros de doações, muitas com valores que variavam de R\$ 0,01 a R\$ 300,00 e continuou arrecadando mesmo depois do fim da eleição. Obviamente, ele contou também com apoio de bilionários abertamente bolsonaristas, tais como Helio Seibel, Helvio Paulo Ferro Filho e Otávio Fakhoury.

Para concluir, vamos abordar o chamado financiamento cruzado, que quando os doadores contribuem para mais de um candidato em cidades diferentes. Em caso positivo, ou seja, na medida em que identificamos que ação de certos empresários não é localizada, mas sim nacional, podemos inferir que isso reflete uma articulação política de mais vulto, a qual responde tanto às preferências ideológicas desses empresários quanto aos seus interesses econômicos estratégicos, configurando-se como um projeto de poder de setores do empresariado ligados à extrema-direita.

Os dados apontam para um padrão de financiamento estratégico e diversificado, no qual doadores destinam recursos para múltiplos candidatos alinhados ao mesmo espectro ideológico, qual seja, a extrema-direita brasileira. Essa prática não só amplia a influência política dos financiadores, mas também fortalece a coesão do campo conservador em diferentes regiões do país, indicando uma disposição desse empresariado em contribuir com um projeto de poder nacional. E, de fato, encontramos em nossa amostra 10 empresários que doaram para dois dos candidatos aqui analisados. Por exemplo, o empresário Odilio Balbinotti Filho, um dos maiores empresários do agronegócio brasileiro, doou R\$ 450.000 para André Fernandes e Abilio Brunini. Em 2022 ele fez doações de R\$ 600.000 para Bolsonaro.

Vale destacar ainda que Pablo Marçal aparece como beneficiário de contribuições de quase todos que doaram para mais de um candidato, com exceção justamente de Odilio Balbinotti Filho. Isso, por um lado, reflete a estratégia de Marçal de mobilizar financiadores diversificados, incluindo

doações de valores baixos, aproveitando sua narrativa de mobilização popular e digital. E, por outro, confirma o padrão de articulação nacional do empresariado bolsonarista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado eleitoral de 2024 recolocou Bolsonaro no jogo político, após dois anos de defensiva pela derrota em 2022 e pela tentativa de golpe de Estado de 08 de janeiro de 2023. O ex-presidente está inelegível por abuso de poder durante o pleito de 2022 e será condenado também pela tentativa de golpe, mas o fato é que Bolsonaro mostrou força nas eleições municipais.

Isso se deu, primeiro, pelas próprias pernas: o PL foi o partido mais votado do país e com seus candidatos polarizando a maioria das disputas de 2º turno e crescendo na reta final do 1º turno mesmo nas capitais em que perderam no 1º turno. Em Manaus, Fortaleza, João Pessoa, Goiânia e Curitiba, o bolsonarismo arrancou na reta final e conquistou a vaga no 2º turno. Em Belém, Aracaju, Cuiabá, o bolsonarismo consolidou a posição que ocupou durante toda a campanha de ir para o 2º turno. Em Florianópolis, Vitória e Maceió a extrema-direita cresceram na semana derradeira e confirmou a vitória no 1º turno: E temos ainda as cidades em que o bolsonarismo perdeu no 1º turno, mas conquistou uma expressiva votação, como no Rio de Janeiro.

Mas a vitória de Bolsonaro se deu também pela ajuda da direita tradicional que se aliou a ele em capitais importantes, tais como Porto Alegre, Salvador e São Paulo. Parte da elite política da direita tradicional opta por marchar com a extrema-direita mesmo depois da tentativa de golpe e do não reconhecimento do resultado eleitoral em 2022. Tal postura permanece para 2026, com a aposta desses setores em uma candidatura Tarcísio de Freitas com apoio de Bolsonaro.

Para além da pauta conservadora, que é uma característica fundamental do bolsonarismo, a mobilização antissistema foi um elemento em comum em praticamente todos esses municípios em que Bolsonaro atuou e fez seus candidatos crescerem, com exceção daqueles que foram reeleição (Florianópolis e Maceió) e daqueles que a candidatura foi da direita tradicional. O sentimento antissistema, inclusive, esteve no centro das eleições de 2024, uma vez que Bolsonaro organizou os atos de 07 de setembro contra o ministro Alexandre de Moraes. E certamente terá centralidade em 2026, não apenas para a eleição presidencial, mas em igual importância para a disputa das 54 vagas do Senado Federal. Bolsonaro e seu entorno já anunciaram que sua prioridade será conquistar a maioria dessas vagas para eleger o presidente do Senado. Essa posição é estratégica tanto para paralisar o executivo quanto para inviabilizar o processo de contenção político-jurídica que o STF vem fazendo ao projeto autoritário do bolsonarismo.

REFERÊNCIAS

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente**. São Paulo: Politeia, 2019.

CESARINO, Letícia. **O mundo do avesso: Verdade e política na era digital**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

COOPER, Melinda. **Family values: between neoliberalism and the new social conservatism**. New York: Zone Books, 2019.

FRASER, Nancy. **The old is dying and the new cannot be born: from progressive neoliberalism to Trump and beyond**. London: Verso, 2019.

KALIL, Isabela. **Who are Jair Bolsonaro's voters and what they believe**. Relatório de pesquisa. Center for Urban Ethnography, 2018. DOI: 10.13140/RG.2.2.35662.41289.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

LIMA, P. L.; CHALOUB, J. **Sistema e antissistema na crítica do bolsonarismo**. Lua Nova, n. 122, 2024.

MOUFFE, Chantal. **Por um populismo de esquerda**. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

MOUNK, Yascha. **O povo contra a democracia: por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RUNCIMAN, David. **Como a democracia chega ao fim**. São Paulo: Todavia, 2018.

SINGER, André. **O lulismo em crise: Um quebra-cabeça do período Dilma (2011-2016)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SOLANO, Esther. **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA: Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi disponibilizado nos repositórios do Observatório Político e Eleitoral (OPEL) e pode ser acessado em www.opelbrasil.com/pesquisas

FINANCIAMENTO: O presente trabalho foi realizado com apoio do Centro de Análise da Sociedade Brasileira (CASB).

CONTRIBUIÇÃO DAS/DOS AUTORES/AS:

Josué Medeiros: Conceitualização, Metodologia, Investigação, Escrita Rascunho Original, Escrita Revisão e Edição, Supervisão, Administração de Projetos, Aquisição do Financiamento

Mariana Castro: Metodologia, Investigação, Curadoria de Dados, Escrita Rascunho Original

Rennan Pimentel: Metodologia, Investigação, Curadoria de Dados, Escrita Rascunho Original

Maria Carolina Barreto: Metodologia, Investigação, Curadoria de Dados, Escrita Rascunho Original

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE: As/os autoras/es declaram que não há conflito de interesses a mencionar.

MINIBIOGRAFIAS DOS/DAS AUTORAS DO PAPER

Josué Medeiros é Cientista Político e professor da UFRJ e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRRJ. É coordenador do Observatório Político e Eleitoral (OPEL).

Mariana Castro é doutoranda em Ciência Política no Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP-UERJ). Pesquisadora do Observatório Interdisciplinar das Mudanças Climáticas (OIMC) e do Laboratório de Análise Política Mundial (LABMUNDO).

Rennan Pimentel é doutorando em Ciência Política no Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP-UERJ). Coordenador executivo do Observatório Político e Eleitoral (OPEL) e pesquisador no Grupo de Pesquisa em Partidos, Eleições e Representação (GPPER-IESP).

Maria Carolina Barreto é mestranda em Ciência Política no Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP-UERJ). É pesquisadora do Laboratório de Monitoramento e Avaliação de Políticas e Eleições (MAPE-IESP) e coordenadora de pesquisa do Observatório Político e Eleitoral (OPEL).

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.